

FORMAÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE INCLUSÃO ESCOLAR: NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DE UMA DOCENTE EM FORMAÇÃO

Autora: Kaliana Araújo de Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN /kalyana78@hotmail.com

Orientador: Iure Coutre Gurgel

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN /yurecoute@yahoo.com.br

RESUMO: O presente estudo procura narrar às experiências vivenciadas por uma Docente da Sala de Atendimento Educacional Especializado, onde apresenta reflexões a partir da Implantação da Sala de Recursos Multifuncional no contexto escolar de uma instituição da rede pública. Nesse sentido pretendemos compreender: como as experiências com a implantação da Sala de Recurso Multifuncional, nos percursos formativos, expressos nas narrativas da docente pode favorecer para a construção de uma escola inclusiva? O estudo teve como objetivo: Analisar as experiências vivenciadas na Sala de Recurso Multifuncional, bem como nos percursos formativos, como meios para alavancar um ensino inclusivo. A mobilização para esta investigação deu-se a partir do meu percurso formativo e, posteriormente, com a aceitação de atuar como docente do AEE na referida Escola. Para validar os relatos presentes a respeito da temática, recorreremos aos pensamentos de autores como: Nóvoa (1992), Pineau (2010), dentre outros. A pesquisa constituiu-se na abordagem qualitativa de investigação com a opção pelo método (Auto) biográfico, com a finalidade de refletir sobre as narrativas vivenciadas pela docente bem como, valorizar as experiências construídas ao longo da docência e em seguida, analisar os documentos dos educandos atendidos no AEE (fichas individuais, laudos e avaliações) e revisão bibliográfica da Legislação que respalda o atendimento. Nesse sentido, relatou-se também, os principais desafios com implantação da sala, bem como a organização e forma de ingresso desses alunos no AEE. Dentre as reflexões estabelecidas, evidenciei que o trabalho desenvolvido com essas crianças e jovens no AEE, de certa forma, lhes deram mais visibilidade dentro da instituição educativa, possibilitando assim, amplas ações e práticas mais inclusivas por parte de todos que compõe a escola, na tentativa de juntos construirmos uma sociedade mais solidária, igualitária e com princípios de equidade para todos.

Palavras-chave: Formação Docente, Inclusão Escolar, Narrativas (Auto) Biográficas.

INICIANDO O DIÁLOGO...

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la (MÁRQUEZ, 2005, p.5).

Para iniciar este artigo inspiro-me nas palavras de MÁRQUEZ (2005) como espaço em que me lanço na escrita de uma narrativa que aborda meu percurso profissional, com ingresso em 2006, como Professora efetiva da Educação Básica Pública, da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC/RN. Onde a partir de minhas experiências como professora na Sala de Recurso Multifuncional (SRM) no contexto de uma Escola Estadual em Frutuoso Gomes, vivenciei as dificuldades e os prazeres de trabalhar na modalidade da Educação Especial.

O ponto de partida que influenciou a construção desse trabalho reside no meu interesse pela compreensão da profissão docente como formação do indivíduo, ultrapassando uma visão reducionista de um modelo ou padrão vinculado a uma identidade fixa a estabelecer as

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

regras do que é ser professor. Ao olhar à docência como processo no qual a pessoa e o profissional estão implicados, sinto as ressonâncias das minhas experiências na educação, instigando-me a repensar ações que favoreçam a condução de práticas mais inclusivas para os alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs). Dessa forma, entendo a minha trajetória formativa como algo atrelada às linhas da minha história.

Pela via da formação docente, vou ao encontro do meu interesse na relação dos desafios e dificuldades que vivenciei na sala de Atendimento Educacional Especializado. Percebo as possibilidades sobre a reflexão da história e legislação do AEE, na perspectiva da construção de práticas mais inclusivas; das experiências vivenciadas não só nas salas de recursos multifuncionais, mas, nos diferentes ambientes das escolas e fora delas, nas quais essas ações vão acontecendo. Nesse processo dinâmico, misturam-se, crenças, dúvidas, certezas e incertezas, sonhos, dando margem para espaços de contradições e transformações das escolas, para se ajustarem aos princípios inclusivos de educação.

Mas o que me motivou verdadeiramente, por esta pesquisa, tendo como lócus a Sala de Recursos Multifuncionais, ocorreu no início do ano letivo de 2014, quando foi implantada a Sala de Recurso Multifuncional na escola, e desta forma, passei a trabalhar como professora no Atendimento Educacional Especializado, da Rede Estadual de Ensino na cidade de Frutuoso Gomes-RN, local escolhido para a pesquisa. Este trabalho me colocou face a face, pela primeira vez, com as dificuldades e constrangimentos vividos cotidianamente no espaço escolar, assim, percebidos por mim, de lidar com a inclusão de alunos com deficiência naquela instituição escolar, que, até então, só havia trabalhado com alunos considerados “normais”.

Desse modo, expresso a minha mobilização em estudar os desafios, e as experiências com o Atendimento Educacional Especializado que ocorre na Sala de Recurso Multifuncional, buscando estabelecer uma vinculação entre a abordagem (auto) biográfica e o campo da educação especial, como questão chave deste estudo. Nesse sentido pretendemos compreender: como as experiências com a implantação da Sala de Recurso Multifuncional, nos percursos formativos, expressos nas narrativas da docente pode favorecer para a construção de uma escola inclusiva?

Diante do exposto, indico como objetivo geral da pesquisa: Analisar as experiências vivenciadas na Sala de Recurso Multifuncional, bem como nos percursos formativos, como meios para alavancar um ensino inclusivo.

E para aclarar a pesquisa propus-me, portanto, a refletir sobre esta temática, analisando os objetivos específicos; 1) Identificar a construção das relações da docente com a Sala de Recurso Multifuncional nos percursos formativos; 2) Aprender possíveis

ressonâncias das experiências com a Sala de Recurso Multifuncional no discurso e na prática da docente.

Serviram como suporte para análise deste estudo os teóricos, tais como: Nóvoa (1992), Pineau (2010) dentre outros, bem como lançar um olhar sobre a formação docente para atuar no Atendimento Educacional Especializado.

Nessa direção elegi como metodologia as narrativas (auto) biográficas, com intuito de nortear à compreensão dos percursos pessoais e profissionais em correlação com minha formação e atuação como docente do AEE.

Acreditamos que essa investigação poderá contribuir para que ações estratégicas desenvolvidas na Sala de Recursos Multifuncionais, visando à melhoria da qualidade do atendimento dos alunos especiais da instituição educativa.

Para finalizar a parte introdutória, passo a organizar o trabalho da seguinte forma: em introdução, seguida de dois tópicos e, por fim, das considerações finais, conforme descrevo a seguir.

Em iniciando o diálogo, narro sinteticamente meu percurso formativo. Explicito também os motivos pelos quais escolhi essa temática como objeto de estudo deste trabalho.

O segundo tópico, versa sobre o trilhar metodológico utilizado na pesquisa. Logo em seguida no *terceiro tópico*: abordo as narrativas de experiências relacionadas com a implantação da Sala de Recurso Multifuncional, que favoreça a compreensão da formação docente como processo de construir-se.

Em *As linhas de um diálogo inacabado*, exponho as conclusões deste estudo, apontando para a incompletude do processo, a sinalizar outras possibilidades de pesquisa nas trilhas deste caminho experiencial que não termina agora, apenas chega a um determinado ponto da minha trajetória formativa.

O TRILHAR METODOLÓGICO UTILIZADO NA PESQUISA

O percurso trilhado foi ancorado na escolha por um caminho metodológico subsidiado na abordagem qualitativa da pesquisa, o que justifico ao informar que, no caso específico deste trabalho, busquei produzir a compreensão do fenômeno de modo processual, através da minha ação para a provocação da produção de relatos de experiência no AEE. Estes foram elaborados numa relação constituída na condição de professora do atendimento educacional especializado, numa Escola da Rede Estadual de Ensino, em Frutuoso Gomes/RN no percurso do ano letivo de 2014/2015, visando acolher à singularidade e não a generalização dos atendimentos. Assim, indico a subjetividade como modo próprio de cada pessoa organizar a sua realidade no enfrentamento da existência, respondendo à vida conforme os sentidos que

atribui às experiências, ou seja, “[...] como os sujeitos vivem, se desenvolvem, aprendem, enfrentam conflitos, buscam alternativas para superar as adversidades da vida frente aos processos de inclusão/exclusão social” (SOUZA, 2014, p.41).

Ao lançar-me nesta investigação no intuito de desenvolver um estudo que abarca a vida-formação ao relatar as experiências vivenciadas no AEE com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, parti das provocações trazidas da minha própria formação, percurso que indica minha implicação com o meu objeto de pesquisa. Nesse sentido, recorri a escolhas no intento de realizar a minha produção, diante de possibilidades e desafios no caminho trilhado, ao eleger as minhas narrativas como ponto de partida.

Por esse caminho metodológico, vislumbrei a apreensão das minhas experiências numa perspectiva da pessoa e do profissional como dimensões imbricadas. E, ao pôr em cena as vivências com alunos deficientes que antes eram silenciadas na escola, há a expectativa de que práticas cada vez mais inclusivas emanem dos contextos escolares, como forças ativadoras do pensamento crítico e reflexivo; que produzam boas relações tecidas na vida social, afetiva e escolar dessas pessoas.

Considero a utilização do método (auto) biográfico como perspectiva que atende aos anseios de pensar a formação docente na ótica da autoformação. Nesse sentido, insiro aqui as palavras de Pineau (2010, p.167): “A biografia é, simultaneamente, um meio de investigação e um instrumento pedagógico [...]”. O uso das narrativas (auto) biográficas abre possibilidades para um caminho na formação docente que contemple o profissional como sujeito adulto em formação no percurso da vida. Uma formação que considere um olhar do professor na condição de pessoa e na condição de profissional, tendo em vista que cada professor produz sua performance com base em diversas referências, oriundas de suas trajetórias na família, na escola, na licenciatura e no ambiente de trabalho. Enfim, a formação ocorre continuamente ao longo da vida.

IMPLANTANDO A SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Na atualidade o maior desafio do sistema escolar em todo o mundo é o da inclusão educacional. Nesse sentido, a inclusão de alunos com necessidades especiais está cada vez mais presente nas escolas brasileiras, tornando-se necessária uma reflexão acerca da formação dos professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) desenvolvido na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM).

Nessa perspectiva, à procura do que me mobiliza, me inquieta acerca da temática, foi ver minha trajetória permeada de certo desassossego marcado pela preocupação quando passei a ser lotada na função de professora do AEE, que teve ponto de partida em 2014, com a Implantação da Sala de Recursos Multifuncionais na referida instituição escolar caracterizada anteriormente.

O convite para atuar na Sala de Recurso Multifuncional partiu da Gestão da Escola, veio a mim como um desafio, repleto de insegurança e receios de trabalhar com pessoas que apresentam alguma deficiência. A sala, implantada na Escola Estadual Frutuoso Gomes em fevereiro de 2014 passou por uma série de adaptações e modificações, que veio desde de meados de 2012 quando a referida escola começou a receber equipamentos, para apoiar a organização e oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, matriculados no ensino regular. O quadro a seguir demonstra os equipamentos, mobiliários e materiais didáticos pedagógicos recebidos pela referida escola.

QUADRO 1- Composição da Sala de Recurso Multifuncional.

| Equipamentos | Mobiliários | Materiais Didáticos Pedagógicos |
|------------------------------------|------------------------------|---------------------------------|
| 2 Computadores | 1 Mesa redonda | 1 Esquema corporal |
| 2 Estabilizadores | 4 cadeiras para mesa redonda | 1 Quebra cabeças |
| 1 Impressora multifuncional | 2 Mesas para computador | 1 Bandinha rítmica |
| 1 Roteador Wireless | 2 Cadeiras giratórias | 1 Material dourado |
| 1 Mouse com entrada para acionador | 1 Mesa para impressora | 1 Tapete alfabético encaixado |
| 1 Acionador de pressão | 1 Armário | 1 Memória de numerais |
| 1 Teclado com colméia | 1 Quadro branco | 1 Alfabeto móvel e sílabas |
| 1 Lupa eletrônica | | 1 Caixa tátil |
| 1 Notebook | | 1 Kit de lupas manuais |
| | | 1 Dominó tátil |
| | | 1 Memória tátil |

Fonte: (Relatório do Atendimento Educacional Especializado - 2015)

Com a chegada de cada nova criança, o desafio crescia e ganhava novos contornos. O maior de todos os desafios era otimizar o atendimento e personalizar a atuação frente às necessidades da demanda. Eis a partilha das angústias, dos questionamentos, das dificuldades e da abertura de caminhos para a construção de uma sociedade mais humana e eminentemente inclusiva, através de ações concretas, situações reais que vão muito além dos discursos, leis e decretos. Inicialmente foi necessário traçar objetivos claros para a implantação bem sucedida da Sala de Recursos Multifuncionais.

Oferecer o Atendimento Educacional Especializado aos estudantes, de modo que estes tenham acesso aos recursos e assistência pedagógica necessários para o pleno aproveitamento

da escolaridade regular, conforme preconiza a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Para isso, foi muito importante buscar os conhecimentos acerca da Perspectiva Inclusiva e como ela vem sendo construída ao longo do tempo. Falar de inclusão, muito mais que discursos e leis, envolve práticas e atitudes eminentemente inclusivas. Isto foi, para mim, um mergulho no cerne da escola, seus dilemas, dicotomias. Envolveu bem mais que pesquisas, mas toda uma desconstrução/reconstrução do que é escola, ensinar, aprender, mediar aprendizagens; para que eu realmente pudesse ingressar nesse infinitamente rico universo das potencialidades.

Com o objetivo de melhorar minha atuação como professora da SRM, busquei participar ao longo de 2015 de vários cursos de capacitação, palestras e do curso de aperfeiçoamento em Atendimento Educacional Especializado, o fato de me interessar em participar dessas capacitações, ampliam meus saberes curriculares e me trouxeram suporte para desenvolver um trabalho mais eficiente no AEE, devido aos saberes adquiridos nesses encontros na área da Educação Especial, corroboro com uma das ideias de Nóvoa (1992) na qual a formação deve ser efetivada por professores com competência, capacidade e experiência.

Conscientizar as famílias e a comunidade dos direitos da pessoa com deficiência, em especial, o direito à educação nas salas de ensino regular. Talvez pareça algo simples, porém engloba a maneira de ser e estar de outras pessoas. E, geralmente as pessoas pensam e agem com base em conceitos, muitas vezes fortemente arraigados em suas mentes. Assim, interferir no pensamento de outros, no sentido de provocar reflexões acerca de como a sociedade e seus agentes (no caso, a escola) estão estruturadas e de como poderiam estar, é realmente uma tarefa de grandes proporções.

O conceito de deficiência como algo que limita e impossibilita acaba por fechar os olhos daqueles que atuam junto às pessoas com deficiência para aquilo que podem fazer, conquistar ou desenvolver. Além disso, o medo de que hajam apelidos depreciativos, desprezo, zombaria, agressões leva os familiares de pessoas com deficiência a escondê-las, protegê-las a qualquer custo. Até mesmo do desenvolvimento de suas capacidades.

Promover e ampliar parcerias com os diversos segmentos da comunidade para incentivar a matrícula do público alvo do AEE na escola regular é um desafio, visto que esse atendimento se estende a alunos de outras escolas. Logo de início percebi que essa articulação seria de fundamental importância para o bom andamento do trabalho na Sala de Recursos Multifuncionais. Foi gratificante receber o apoio da equipe do programa de saúde na escola composta por diversos profissionais (Psicólogos, fonoaudiólogos, odontólogos, fisioterapeuta etc) que nos repassaram muitos ensinamentos de como lidar com as deficiências. Isso mostrou

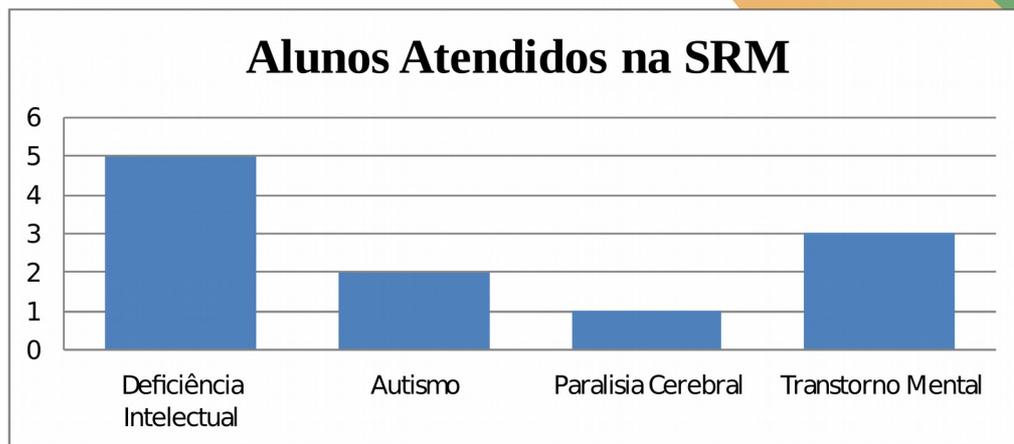
o quanto é possível e até viável trabalhar em equipe, de modo responsável e colaborativo dentro da escola pública. Firmar parcerias é algo complexo e muito dinâmico. O que hoje funciona bem, amanhã será absolutamente inviável se não houver essa preocupação em buscar apoio com pessoas especializadas. Também requer paciência, perseverança e sensibilidade para ver o outro e respeitar, aceitar as contribuições que o outro pode trazer ao trabalho desenvolvido no AEE.

Outra grande dificuldade evidenciada por mim, foi à tarefa de sensibilizar os educadores para as possibilidades de aprendizagem da criança com deficiência na escola regular. Sempre que buscamos romper com os conhecimentos socialmente construídos e consolidados por décadas de atuação que, acredito sejam tão profundamente enraizados na mente e na prática dos educadores que figuram com tom de verdade absoluto, me deparei por diversas vezes com a resistência teimosa do “isso nunca vai dar certo” relatado por alguns professores. Então é preciso arregaçar as mangas e por mãos à obra, mostrando na prática como se dá a inclusão escolar, colocando à disposição recursos para pesquisa, fomentando discussões e questionamentos para a superação do “não estou preparado (a) para isto”, promovendo reflexões que permitam aos educadores perceber suas próprias potencialidades de ensinar na diversidade. Mas, principalmente deixar sempre uma abertura ao diálogo, para que a SRM e a sala regular sejam ambientes para aprendizagem significativa e democrática, de fato e de direito.

Durante sua implantação, em fevereiro de 2014, enfrentamos algumas dificuldades, como a resistência dos pais e educadores frente à novidade da sala de recursos multifuncionais. Além disso, a distância que as famílias percorrem até a instituição mostrou-se outro desafio a ser superado.

Desse modo, após as dificuldades relatadas na implantação da Sala de Recurso Multifuncional, passo a expressar ações gerais ocorridas no AEE. Para uma melhor sistematização dos atendimentos faremos a exposição de um gráfico especificando o quantitativo de alunos atendidos na SRM, e o tipo de deficiência apresentada pelos mesmos.

Gráfico 1- Número de alunos a atendidos na SRM



Fonte: (Relatório do Atendimento Educacional Especializado - 2015)

Durante o ano de 2015, foram desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado, ações que estão em conformidade com a legislação brasileira, através da Lei de Diretrizes e Bases Nacional, que prevê a inclusão de alunos em salas regulares de ensino, o que representa equiparação de oportunidades educacionais e o compromisso com o princípio da igualdade e direitos para todos.

No decorrer deste ano, realizamos visitas a algumas famílias, para uma melhor compreensão dos casos. Devido ao fato de alguns dos nossos alunos participarem de outros programas na área da saúde, estou sempre em contato com alguns profissionais da Saúde que me possibilitou melhor compreensão acerca das necessidades específicas de alguns alunos, sugerindo, inclusive, atividades diversificadas em especial com Autistas.

No geral os alunos com NEEs, que são encaminhados para o Atendimento Educacional Especializado da escola, ocorre da seguinte maneira: por indicação de professores da sala de aula comum e do AEE, pela equipe pedagógica e por solicitação dos pais.

Ao matricular-se na Sala de Recurso Multifuncional o aluno será avaliado analisando as seguintes etapas:

- Análise da ficha individual e laudo médico;
- Avaliação Pedagógica realizada pela Coordenadora Pedagógica da Escola;
- Documento de Avaliação de Ingresso do Estudante da Educação Especial, realizada pela professora do AEE;
- Plano Individual realizada pela professora do AEE;

Após a avaliação oferecemos a essas crianças e jovens que estão matriculados no Atendimento Educacional Especializado (AEE), momentos agradáveis e descontraídos, onde realizamos atividades individuais e coletivas, no que se refere ao desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social, sugeridas para cada caso. Entre elas podemos destacar a

recorte e colagem, confecção de materiais. Usamos instrumentos tecnológicos, como o computador, o ipad e softwares educativos e jogos para desenvolver o raciocínio lógico matemático. Também trabalhamos a música em brincadeiras para melhorar a coordenação motora, os quais nos proporcionaram alcançar objetivos diversos.

Analisando-se os processos inclusivos que se deu na escola desde a implantação da Sala de Recurso Multifuncional até a organização dos atendimentos, reconheço que conviver com as diferenças no cotidiano escolar vai desenvolvendo o sentimento de respeito e tolerância entre todos os envolvidos no processo educacional de alunos com NEE. É a ideia de unidade na diversidade. É o reconhecimento da condição humana que é comum a todos independente de cor, raça, sexo e deficiência etc.

Finalizo este relato trilhado pelas narrativas com minhas vivências na educação especial, tomada por um sentimento de incompletude a fim de escrever as considerações finais, me dando conta, então, da provisoriedade dessa reflexão, tecida nas experiências como educadora de alunos especiais, pelo próprio inacabamento a construir a nossa humanidade; encontro-me aqui me sentindo a narradora da minha obra.

AS LINHAS DE UM DIÁLOGO INACABADO...

O narrador retira da experiência o que ele conta: suas experiências ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes (BENJAMIN, 1994, p. 201).

No decorrer deste trabalho, procurou-se registrar os relatos de Experiências vivenciadas por uma Docente da Sala de Recurso Multifuncional, em contexto escolar, bem como refletir a respeito das práticas que foram desenvolvidas com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, sob o enfoque das narrativas (auto) biográficas construídos pela professora ao longo da trajetória pessoal e profissional.

Nesse intento de compreensão da diversidade humana, argumentei a necessidade de buscar uma formação qualificada para atuar no AEE, que possibilitasse práticas voltadas para as reais necessidades dos alunos. Para demonstrar meu envolvimento com o atendimento, expressei minhas participações em diversos eventos sobre o tema da educação especial, tais como, palestras, capacitações e aperfeiçoamento em Atendimento Educacional Especializado, sempre com a finalidade de construir conhecimentos acerca das deficiências, que proporcione melhores condições de vida a esses educandos.

A configuração de pesquisa qualitativa voltada às narrativas de vida representa uma conversão de perspectiva investigativa e teórica nas ciências humanas, direcionando o olhar para o sujeito, buscando desvendar os sentidos e significados de suas ações. Reconheceu-se, então, essa abordagem, como mais adequada para o desenvolvimento de uma pesquisa direcionada a compreender a constituição docente. Desse encaminhamento buscou-se compreender: como as experiências com a implantação da Sala de Recurso Multifuncional, nos percursos formativos, expressos nas narrativas da docente pode favorecer para a construção de uma escola mais inclusiva?

Nesses dois anos de atuação como professora do AEE, me deparei com grandes desafios de lidar com alunos especiais em âmbito escolar. A partir da experiência da Implantação da Sala de Recurso Multifuncional constatei que a parceria firmada entre família e escola é de grande relevância para a superação de barreiras impostas. Contudo, esse processo requer, para sua efetivação, a ação de múltiplos esforços e a participação de todos os segmentos da sociedade, de modo a se promover uma verdadeira mudança cultural em relação à diversidade e às potencialidades humanas.

Dentre as reflexões estabelecidas, evidenciei que esse curto período de atuação na Sala de Recurso Multifuncional, oportunizaram experienciar ao mesmo tempo, as dificuldades e os prazeres da prática docente, com alunos com deficiência em espaços escolares, o que contribuiu para fortalecer o meu compromisso com o AEE, aceitar os desafios da complexidade dos processos educacionais inclusivos, bem como perceber as fragilidades da própria formação que é o combustível essencial para buscar e desenvolver novos saberes e práticas.

Nessa trajetória pessoal e profissional, gradativamente foi possível, constatar que conhecer os alunos, através de visitas domiciliares, a realidade na qual vivem, suas limitações e formas de pensar e agir, tem me tornado uma docente mais sensível e humanizada, e conseqüentemente têm me levado a um fazer e refazer pedagógico mais reflexivo e comprometido com as especificidades dos alunos especiais.

Diante do exposto, sou consciente de que são muitos os desafios de se construir uma escola inclusiva, pois, essa parcela da população desde seus primórdios sofrem preconceitos e impedimentos de diversas origens. Nesse sentido, o referido trabalho me oportunizou diversos conhecimentos, dentre eles, pessoais, profissionais e humanos. A minha vivência como docente do AEE traz um olhar para a mudança, para a adaptação de velhos hábitos e isso faz com que voltemos esse olhar para nós mesmos e para a escola em que estamos trabalhando.

O trabalho desenvolvido com essas crianças e jovens no AEE, de certa forma, lhes deram mais visibilidade dentro da instituição educativa, possibilitando assim, amplas ações e práticas mais inclusivas por parte de todos que compõe a escola, na tentativa de juntos criarmos uma sociedade mais solidária, mais igualitária e com oportunidades para todos.

Acreditamos que essa investigação poderá contribuir para que ações e estratégias desenvolvidas na Sala de Recursos Multifuncionais, visem à melhoria da qualidade do atendimento dos alunos especiais na instituição educativa.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Viver para Contar.** Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NÓVOA, Antonio. **Formação de Professores e profissão docente.** In: NÓVOA, A. (org). Os professores e sua formação. Lisboa: Publicação D. Quixote, 1992b. p. 15-34.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a eco formação. IN: Nóvoa, Antonio.; FINGER, Marcelo. (org). **O método (Auto) biográfico e a Formação.** São Paulo: Paulus e EDUFRN, p. 97-118, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida e Formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, RN: EDUFRN, v. 25, n. 11, jan./abr., 22-39, 2014.